



JOSÉ Frigeni, primeiro dono do Hotel Victória, fala das...
lembranças de quem tem 90 anos. Diário do Povo,
Campinas, 06 nov. 1983.

6-11
José Frigeni, primeiro dono do Hotel Victória, fala das...
Lembranças de quem tem 90 anos

Alguns dias ele sai de sua casa, no Guanabara, e caminha a pé pelas ruas até o centro da cidade. Acha estranho o trânsito e seus carros velozes, como quem não pode mesmo parar, mas gosta do que vê. "A cidade é linda. Todas as pessoas com pacotes na mão..." Segundo sua filha, chega cantando em casa. Seus 90 anos de vida em nada lhe mudaram muito. O ex-gerente e proprietário do Hotel Victoria — na esquina das Ruas Campos Sales e Regente Feijó — José Frigeni, é talvez um dos poucos exemplos na cidade de quem mantém a lucidez e a saúde do tempo em que seu estabelecimento via personalidades e, também, se tornava uma das poucas salas de ópera e música clássica de Campinas. Com mais de três mil e quinhentos discos, José Frigeni é um "elo" da época dos sonhos e dos nossos dias, onde — apesar da realidade em contrário — ainda se consegue descobrir a "alegria", e o seu "hotel" um mito que o tempo apagou.

"Eu ainda lembro direito o dia que cheguei aqui. Era 1º de maio de 1922. Estavam inaugurando nessa data a estrada de rodagem ligando Campinas a São Paulo. Tinha festa". E foi a festa que prendeu José Frigeni e sua esposa. Eles vinham de Casa Branca, antes de 1918; Poços de Caldas, nos dois anos anteriores; e São Paulo, entre 1920 e 22. Sempre dentro da área de hotelaria, ele arriscou a compra de um estabelecimento. E deu certo, pelo menos até 67, quando vendeu seu hotel.

Nos sonhos da aristocracia

O prédio escolhido foi o do antigo casarão do Barão Ataliba Nogueira. Dona Lalá, a baronesa, que em 22 ainda vivia, foi uma das suas primeiras "hóspedes". Comprado o imóvel, ela e a acompanhante viveram num dos quartos — 20 no início — até a sua morte. A grande casa, utilizada como hotel apenas em seu andar superior, tinha até senzalas. Até hoje os quartos 18 e 19 mantêm uma forte grade de ferro. "Logo que compramos tivemos de tirar umas grades de alguns outros quartos e do porão, para não dar a impressão de prisão aos hóspedes".

Uma das coisas que chamou a atenção das pessoas em visita à cidade foi uma "mordomia" para a época oferecida pelo Victoria: água corrente dentro dos quartos. A partir daí não houve quarto que chegasse devido ao grande movimento. Dos hóspedes "comensais", como os doutores Toffoly e Mário Gatti, aos mais famosos, a lista se estendeu. O Cônsul italiano Germano Castellani; os maestros Arthur Rubinstein e Souza Lima; os cantores Silvio Caldas, Orlando Silva e Carmem Miranda; as pianistas Guiomar Novaes e Madalena Talha Ferro; os escritores Malba Tahan e Agripino Grieco; e o conde Francisco Matarazzo, entre outros, foram alguns dos que descobriram o Hotel.

O Hotel Victoria aos poucos foi se transformando e mudando a vida dos Frigeni. "Antes de nos estabelecermos lá, tentamos um casarão de onze quartos na Rua 13 de Maio. Mas não deu certo e nos transferimos logo. Em 25 iniciamos a expansão do hotel. Peguei um jardim do lado e fizemos o salão de refeições. Aumentamos mais 22 quartos no total. Embaixo tinha uma marmoraria, indo até a José Paulino". Era o começo para a descoberta total da freguesia e a certeza de que seus funcionários iam ter dias "atarantados", como definiu o próprio José Frigeni.

Das estórias e da música

As refeições e o pernoite, ou as longas estadias, não eram, porém, superadas por aquilo que acontecia invariavelmente das 20h00 às 22h00, fosse que dia da semana ou do mês fosse. Hoje, relembando os velhos tempos e sonhando de noite que o seu hotel lhe pertence e está cheio, José Frigeni ainda guarda sua relíquia principal. Encadernados e selecionados um por um, ele mantém 3500 discos (na sua maioria de 78 rotações) de óperas e músicas clássicas. Junto a eles está um índice nominal de todas as obras.

Era por esse índice que à noite aconteciam os chamados "Concertos Musicais". Sentados na sala de audição, com a grande rádio-vitrola como personagem central, os hóspedes

selecionavam uma ópera completa de duas horas e, sem intervalo, tinham como uma audição especial. Mas, para que o "espetáculo" acontecesse era necessário respeitar a ordem primeira de José Frigeni: silêncio total, como num teatro. Depois das 22h00, mesmo que os pedidos se dividissem e fossem muitos em pedir bis, não havia como conseguir mudar o ritmo do Hotel Victoria: todos para os quartos. A hora agora era de apenas dormir.

Hóspedes famosos

E quem eram esses hóspedes? Muitos não são lembrados em seus hábitos. Afinal, como recorda o ex-gerente e proprietário, a sua grande maioria "era de pouco tempo". Artistas ou pessoas que vinham à cidade apenas para cumprir tarefas pré-determinadas, tinham um convívio curto. Mas ele e sua filha Clara ainda se lembram de algumas passagens. De Carmem Miranda, que ficou três dias hospedada, eles nada recordam, a não ser que os ensaios no teatro a deixavam quase todo o dia fora. Da Revolução de 32 relembram os muitos oficiais que ficaram nos quartos, como Manoel Mendes de Moraes; e, dos escritores, que Malba Tahan foi interrompido durante um café para autografar livro e que Agripino Grieco escreveu um poema durante sua estadia: "O Copo de Cristal".

O maestro Souza Lima fez José Frigeni tocar a Pastoral nº 6 de Beethoven, que ia reger na cidade, e Orlando Silva foi obrigado a fugir pelas portas dos fundos, que dava para a Rua José Paulino, por causa do assédio das suas fãs, antes do show realizado no Largo do Rosário. Entretanto, a estória que ele lembra com detalhes teve como personagem principal, cantor Silvio Caldas. "Ele se hospedou no quarto número 8 quando veio dar um espetáculo no antigo Teatro Municipal, hoje demolido. No dia do espetáculo, ele saiu rápido do quarto e logo de

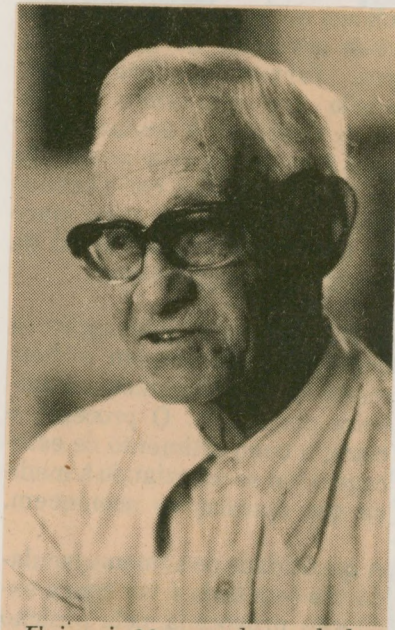
manhã viajou. Foi então, durante a faxina, que descobrimos a sua aliança, retirada antes do show e dependurada na maçaneta da porta. Daí, para que não houvesse nenhum problema, vi seu endereço de São Paulo na ficha, e remeti a aliança dentro de uma caixa de fósforos”.

O espírito do passado

“Salvo” Silvio Caldas, mas, também, perdidas no tempo e na descrição do ex-gerente e proprietário, as estórias não chegam muitas. Em verdade, entretanto, ficam muitas saudades do tempo passado e do som de “Madame Butterfly” e do “Rigolletto”, suas duas óperas preferidas. Há ainda vivo o Natal que os americanos hospedados, funcionários das primeiras multinacionais da Região promoveram, bem ao estilo e comidas da sua nação; e a esperança de um dia “ir almoçar no Victoria, que o novo dono falou que vai transformar em casa de comida italiana”.

Tudo mudou

Atualmente, em sua cor verde destoante de seu passado, com o brasão do Barão Ataliba Nogueira pintado e escondido, numa esquina diferente de antes — com mais carros, fumaça e barulho — tudo mudou. Em verdade o Hotel Victoria de anos atrás, desde que em 67 José Frigeni o deixou, não é mais o mesmo. Sua madeira da escada, que pela qualidade quando chove chega a ficar úmida, o grande corredor de quartos, o salão de almoço e a velha rádio-vitrola já se transmutaram no tempo e no espaço. O som das óperas também acabou. Porém, ainda há quem relembre seu auge e seus “grandes dias”. Aquele senhor de 90 anos em seus passeios e descoberta da nova cidade, é um deles. Talvez, até, como obra máxima das “transformações”, seja um símbolo ainda vivo e por vezes esquecido: a saudade. E ela, nas fotos antigas, seus selos de coleção e seus discos, ninguém acabará; tal qual fizeram com a “metrópole” seus arranha-céus, sua vida a jato e seu velho e permanente hotel.



Frigeni: 90 anos de saudades



O Hotel Victória, em antigas lembranças